

ENTRE EXPERIÊNCIAS, AFETOS E VIVÊNCIAS INTERCULTURAIS

Viviane Palandi - Atriz, acadêmica de Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista do Projeto. E-mail: vp.tea19@uea.edu.br

Célia Aparecida Bettiol - Docente da Universidade do Estado do Amazonas, Doutora em Educação, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas e Educação Escolar Indígena e Etnografia. E-mail: caparecida@uea.edu.br

Luiz Davi Vieira Gonçalves - Docente da Universidade do Estado do Amazonas, Doutor em Antropologia, Líder do Tabihuni. Coordenador do projeto. E-mail: luizdavipesquisa@hotmail.com

Mayara Pereira Batista - Acadêmica do curso de Ciências Biológicas da UEA, indígena do povo Sateré Mawé, bolsista do projeto. E-mail: mpbt.bio@uea.edu.br

Graciete Baltazar Calistro - Acadêmica do curso de Geografia da UEA, indígena do povo Baré, bolsista do projeto. E-mail: gbc.geo18@uea.edu.br

RESUMO

O trabalho consiste num relato de experiência que discute as atividades realizadas no âmbito do projeto de extensão “Tecendo diálogos interculturais”, cujo objetivo é promover debates sobre a interculturalidade no que tange à presença e permanência dos acadêmicos indígenas no contexto universitário, especificamente, na Universidade do Estado do Amazonas - UEA, na Escola Normal Superior - ENS. Conta com uma equipe multidisciplinar e acadêmicos indígenas e não indígenas de diferentes cursos. Dos resultados alcançados, destacamos a realização das rodas Histórias de Origem (com as mulheres indígenas) e a criação do Canal Oré, que cria e veicula conteúdos sobre temáticas indígenas disponibilizadas nas redes Youtube e Instagram, cujo protagonismo é dos próprios indígenas. Essa discussão sobre interculturalidade, decolonização e a construção do conhecimento intercultural alcança docentes e discentes, além de fomentar núcleos de debates sobre a permanência desses estudantes na universidade.

Palavras-chave: Interculturalidade. Culturas. Experiências. Protagonismo.

ABSTRACT

This work is about an experience report that discusses the activities carried out within the scope of the university extension project called “Weaving Intercultural Dialogues”, which aims to promote debates on interculturality regarding the presence and permanence of indigenous undergraduate students in the university context, specially at Amazonas State University, at the School of Sciences Education. The project has a multidisciplinary team and indigenous and non-indigenous undergraduate students from different courses. As to the results, we highlight the implementation of the Yarning Circle about the Origins and Histories of Indigenous Women’s Peoples and the creation of the ‘Ore’ Channel that produces and disseminates content on the Youtube and Instagram networks in which the indigenous people themselves play the key roles. This discussion on interculturality, decolonization and the construction of intercultural knowledge reaches educators and students in addition to fostering nuclei of debates about the permanence of these students in the university

Keywords: Interculturality. Cultures. Experiences. Protagonism.

INTRODUÇÃO

As relações interculturais abrigam em seu interior a complexidade própria emanada da diferença. A diferença, por sua vez, nos possibilita a vivência com o novo, com a hibridez própria dos envolvimento que vão para além dos conteúdos e das interpretações construídas na relação dos sujeitos sociais.

Neste campo das diferenças, trazemos um relato de experiência sobre o projeto “Tecendo Diálogos Interculturais” (2019-2020), desenvolvido no âmbito da extensão na Universidade do Estado do Amazonas. No caso específico deste projeto, essas relações interculturais se dão entre acadêmicos(as) indígenas e não indígenas, docentes e outros participantes que, em diferentes momentos, integram as atividades.

É nesta direção de uma construção coletiva que o nome “Tecendo Diálogos Interculturais” nos remete à metodologia utilizada neste trabalho. Tecer é uma atividade que faz parte do cotidiano dos povos indígenas e, quase sempre, é feita de forma coletiva e colaborativa. No projeto, o sentido de tecer é a construção conjunta de um espaço de diálogo que quer ser intercultural.

Os resultados obtidos apontam para a importância que o projeto tem na vida dos(as) acadêmicos(as) indígenas e não indígenas, como também na vivência de experiências interculturais e na valorização das diferenças no contexto universitário. Demonstra ainda que os(as) acadêmicos(as) se aproximaram da pesquisa e os seus fazeres constroem um saber composto que alcança todos os envolvidos, sejam os discentes, sejam os docentes.

CONTEXTUALIZANDO O PROJETO “TECENDO DIÁLOGOS INTERCULTURAIS” E SEUS PARTICIPANTES

O desenvolvimento do projeto acontece em Manaus e os integrantes são acadêmicos(as) matriculados(as) nos diferentes cursos de licenciatura da Escola Normal Superior e um indígena da Escola Superior de Ciências Sociais. No caso dos indígenas, alguns vieram direto de suas comunidades para a capital após a aprovação no vestibular; outros já residiam em Manaus para onde suas famílias vieram tempos atrás. O ingresso desses discentes se deu via vestibular pelo grupo 8 (reserva de vagas para indígenas, estabelecida pela Lei Ordinária nº 2894/2004 do Estado do Amazonas).

Quadro 1 - Acadêmicos(as) indígenas participantes do projeto (bolsistas e voluntários)

Número de Acadêmicos	Povo	Curso
04	Tikuna	01 Ciências Biológicas 02 Geografia 01 Letras
02	Kokama	01 Pedagogia 01 Ciências Econômicas
02	Apurinã	01 Geografia 01 Letras
01	Tuyca	Matemática
01	Munduruku	Geografia
04	Baré	02 Geografia 02 Pedagogia
03	Sateré Mawé	01 Pedagogia 02 Biologia
01	Tukano	Pedagogia
01	Whitoto	Pedagogia

Fonte - Elaborado pelos autores (2020).

Os discentes não indígenas participantes do projeto atuam como apoio no desenvolvimento das outras formas de linguagem artísticas, como três (03) participantes bolsistas do curso de Teatro da ESAT e, concomitantemente, os (as) bolsistas monitores do projeto “Práticas de leitura e escrita: o português para acadêmicos indígenas”, objeto de estudo em um outro artigo, que atuam em conjunto com o projeto “Tecendo Diálogos Interculturais”, inclusive com os mesmos coordenadores¹. As ações realizadas conjuntamente têm oportunizado a criação de um repertório teórico e prático intercultural que possibilita um aprendizado coletivo que alcança docentes e discentes.

Destacamos a participação do Tabihuni: núcleo de pesquisa e experimentações das Teatralidades Contemporâneas e suas interfaces pedagógicas (CNPq – UEA/ESAT) na equipe de coordenação e no apoio ao projeto (participantes citados do curso de Teatro).

¹ São coordenadores dos Projetos: Célia Aparecida Bettiol ENS/UEA, Jeiviane Justiniano da Silva ENS/UEA; Luiz Davi Vieira Gonçalves ESAT/UEA; Wellington Douglas dos Santos Dias ESAT/UEA.

O Tabihuni tem como objetivo desenvolver estudos teóricos e práticos sobre o corpo e sua expressividade, tendo como referência as suas interfaces artísticas (Ritual, Dança, Teatro, Artes Plásticas, Música, Circo, etc.) e interculturalidades (Ribeirinhos, Povos Indígenas, Quilombolas etc.) em diálogo entre a comunidade acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas e comunidade em geral. Ou seja, um olhar para o corpo que pode compor a voz que, por sua vez, compõe o espaço que também pode compor o corpo e, assim por diante, criar uma ação artística performativa.

E, nesta parceria com o projeto Tecendo Diálogos Interculturais, foram desenvolvidas atividades como: roda de mulheres; conversas de apoio entre as mulheres indígenas e não indígenas presentes no projeto; vídeos e identidades; produção de vídeos sobre a realidade dos alunos e alunas indígenas na UEA e postados nas redes sociais do projeto; fórum de debates; apresentação pública acerca da realidade e desafios dos indígenas na universidade; lives com temas variados refletindo as questões indígenas contemporâneas. No projeto *Memórias do Isolamento*, textos, fotos e vídeos dos integrantes do projeto foram compilados, refletindo a realidade durante o período da quarentena da Covid-19. Essas atividades de interações entre os participantes fortalecem laços afetivos entre eles e aguçam a sensibilidade para estar com o outro em uma ação de escuta e diálogo coletivo que, na língua falada pelos Yanomami de Maturacá, chama-se Kōkāmou

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS COLETIVAS: RESULTADOS DO PROJETO

Candau (2011) nos lembra que a perspectiva intercultural da educação possibilita enxergar as diferenças culturais como vantagem pedagógica para a formação e um enriquecimento a ser contemplado no percurso formativo dos grupos que estão em relação. Salienta que a interculturalidade se apresenta como um conceito polissêmico e vem assumindo no contexto latino-americano diferentes concepções.

Assim, consideramos importante ressaltar que, na perspectiva deste projeto, entendemos a interculturalidade como “um elemento fundamental na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que a integram” (CANDAU, 2012, p. 142). Assumindo no projeto a perspectiva crítica de interculturalidade, ressaltamos a importância de valorizar as diferenças e buscar romper relações binárias para construir relações simétricas entre os diferentes sujeitos presentes no contexto universitário. Neste sentido, a desinvisibilização dos conhecimentos produzidos pelos diferentes povos indígenas, por meio dos(as) acadêmicos(as) que adentram o

contexto universitário, nos leva a desconstruir o pensamento de uma hegemonia cultural (SANTOS, 2009).

Registramos o depoimento² de alguns participantes que ressaltam essa questão: *foi no projeto que me reconheci como indígena, que assumi minha identidade e então busquei saber mais sobre minha cultura* (Povo Sateré Mawé, acadêmica do curso de Pedagogia da ENS. Conversa realizada em 2019).

Para essa acadêmica Sateré Mawé, as discussões realizadas no âmbito do projeto geraram uma demanda pessoal de pesquisar a própria cultura para conhecer sua ancestralidade e assumir sua identidade indígena. Hall (2006) chama a atenção para a forma como as identidades culturais que se derivam do nosso pertencimento à cultura sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades. Segundo o autor, as sociedades modernas não têm nenhum núcleo identitário supostamente fixo, coerente e estável. Elas são permeadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” as identidades que são “móveis”, definidas historicamente e não biologicamente.

Assim, quando falamos de identidade indígena, por exemplo, estamos falando de uma pessoa que está envolvida numa complexa teia de relações para onde vai constituindo-se como indígena, pertencente a um povo específico, ao mesmo tempo em que estabelece contatos e negociações com a sociedade envolvente, com outros povos, com situações sociais e vai, então, tomando posições, como diz Hall (2006). Podemos dizer que para a acadêmica, o projeto possibilitou encontrar seu lugar de pertencimento junto a seus outros no espaço da universidade.

Ainda nessa direção, trazemos o depoimento de um acadêmico do povo Baré, no qual ele esclarece que, no projeto, percebeu como *‘era importante saber bem minha cultura. Quando contei aos meus avós sobre o que a gente fazia, eles ficaram muito felizes e sentiram orgulho de mim’* (Povo Baré, acadêmico do curso de Pedagogia da ENS. Conversa realizada em 2019). Ressaltamos que os avós fizeram questão de estar presentes em uma das atividades de apresentação do projeto e falar aos mais jovens que ali se encontravam sobre a importância de autoafirmarem-se indígenas.

² Todos os depoimentos ou relatos apresentados ao longo do texto resultam das conversas realizadas entre os participantes no decorrer das atividades do projeto e, em respeito ao português indígena, optamos por não fazer correção ortográfica em suas falas.

Imagem 1 - A presença dos mais velhos as atividades do Projeto



Fonte - Acervo do Projeto Tecendo diálogos Interculturais (2019).

Outro acadêmico afirma que:

Pra mim o projeto é de suma importância porque propõe ele nos propôs essa interação com os demais acadêmicos que estão participando. No início nós tínhamos muita dificuldade, antes de conhecer o projeto. Nós não tínhamos oportunidade de mostrar o nosso valor, a nossa crença, a nossa cara, o nosso costume. Agora tivemos a oportunidade de conhecer mais a história de cada um e o que ela nos traz para nós. É uma experiência fantástica, nesse projeto nós podemos compartilhar nossas ideias, compartilhar nossas histórias. O projeto proporciona oportunidades, abre o leque da formação e para mim é muito importante o projeto nesse sentido. E, acima de tudo, nós somos uma família que procura ajudar e apoiar um ao outro e ver a dificuldade de cada um. Então para mim esse projeto é muito importante e quem está engajado nele sabe que este projeto está fazendo história (Povo Tuyuka, acadêmico do curso de Matemática da ENS. Conversa realizada em 2019).

A fala do acadêmico questiona sobre o lugar plural que é a universidade, onde deve haver espaço para as diferenças e para a sua expressão nas mais diversas formas. Decolonizar o pensamento de que um povo ou uma raça é superior aos outros é mais do que simplesmente ter respeito e tolerância pela diferença. É importante reconhecer e se abrir para outras formas de conhecimento e aprender juntos.

Procurando construir esse “lugar” onde a diferença é uma oportunidade de aprendizagem, o projeto tem como eixo orientador de vivências o encontro semanal que se organiza em torno de estudos e discussões sobre temas definidos coletivamente. Neste viés de uma construção intercultural crítica, desenvolvemos diferentes atividades que envolveram indígenas, não indígenas e participantes externos. A seguir, elencamos algumas delas.

Discussão sobre línguas indígenas

O encontro contou com os convidados professor Doutor Sanderson Soares Castro (UFAM) e professora Doutora Altacy Correa (UNB). Essa atividade consistiu em refletir sobre as línguas indígenas presentes no Estado do Amazonas, sobre os processos de vitalização presentes em alguns povos, despertando o interesse dos participantes para aprofundarem-se no estudo da própria língua, haja vista termos acadêmicas indígenas do curso de Letras e a discussão do português indígena estar ganhando contornos mais específicos em pesquisas, inclusive entre alguns professores da própria UEA que se deparam com essa realidade em sala de aula.

Imagem 2 - Apresentação dos professores linguistas no hall da ENS



Fonte - Acervo do Projeto Tecendo diálogos Interculturais (2019).

Encontros com pesquisadores da UEA que trabalham com a temática indígena

Estes encontros tiveram o objetivo de divulgar as pesquisas que eles têm realizado sobre a temática indígena e com os povos indígenas. Participaram da atividade o professor Doutor Valteir Martins; professora Doutora Silvana Martins (ambos de linguística) que falaram sobre suas pesquisas e orientações na Pós Graduação sobre línguas indígenas. Participou também a professora Mestra Ádria Simone Duarte de Souza (Pedagoga), que conversou sobre suas pesquisas com formação de professores indígenas no curso de Pedagogia Intercultural Indígena.

Visita ao Parque das Tribos

A visita ao Parque das Tribos teve como objetivo conhecer o local (alguns ainda não conheciam) e discutir a interculturalidade num contexto específico. O Parque das Tribos abriga mais de 30 povos distintos e tem muitas línguas faladas. O Centro de Referência Cultural é coordenado por uma indígena egressa da UEA/PROIND, professora Claudia Baré, e ali foram realizadas discussões profundas sobre território, saúde, educação, identidade e protagonismo

indígena. Alguns professores da ENS participaram desta visita e avaliaram a oportunidade como uma aprendizagem para compreender outros conhecimentos.

Diálogos com pesquisadores indígenas sobre o conhecimento indígena na academia

Esse espaço de diálogo com pesquisadores indígenas que cursam o doutorado e se debruçam sobre seus próprios conhecimentos na pesquisa foi um dos momentos mais intensos do projeto. Tivemos a presença de João Paulo Barreto, do povo Tukano, que nos falou do seu percurso até chegar à pesquisa desenvolvida por ele, cujo tema é o conhecimento dos Kumuã. Outro momento foi a presença e lançamento do livro “Canumã”, de Ytanajé Cardoso, do povo Munduruku. Como fizemos divulgação das atividades nas redes sociais, tivemos a participação de um grande público externo, além da presença dos bolsistas do projeto e professores da ENS. Esses “entrelugares” forjados na academia oportunizam uma experiência que enriquece aqueles que a vivenciam, permitindo a aproximação e o diálogo com o conhecimento tradicional desses povos.

Trouxemos neste relato algumas atividades que consideramos importantes, porém, há dois desdobramentos do projeto que se destacam pela continuidade de sua realização e pelo impacto trazido aos participantes (indígenas de diferentes povos e não indígenas) envolvidos, conforme relataremos no próximo tópico.

DESDOBRAMENTOS E VIVÊNCIAS INTERCULTURAIS

Histórias de origem

Figura 3 - Organização do centro na roda de mulheres



Fonte - Acervo do Projeto Tecendo diálogos Interculturais (2019).

“Histórias de Origem” surgiu de uma proposta da coordenação, pois sentia-se a necessidade de realizar atividades voltadas às mulheres indígenas participantes do Projeto de Extensão. Em uma quarta-feira (dia que acontece os encontros), a proposta foi lançada, abrindo uma discussão para

qual nome se daria ao encontro com as mulheres. Algumas sugestões foram lançadas, mas houve uma reflexão que é importante ser registrada, vinda de uma das participantes. Havia a ideia de contação de histórias e suscitar mitologias indígenas, mas essa ideia foi ressignificada quando a participante questionou que as histórias não são simplesmente contadas, elas são as próprias vidas das mulheres indígenas, a mitologia não é distante delas, é a origem delas. Com isso chegou-se ao nome do projeto: Histórias de Origem, respeitando cada ancestralidade das mulheres indígenas ali presentes e as trazendo para a roda com suas singularidades e pertencimento. Foram 04 encontros, sendo que o primeiro serviu para apresentar ao grupo uma proposta, pela qual, em cada encontro, as mulheres indígenas do mesmo povo preparariam a roda, trazendo seus pertences – artesanatos, comida, dança, música – e, principalmente, suas histórias de origem.

Primeiro encontro: histórias de origem baré

Como o número de mulheres Baré é maior, concordamos que seria o primeiro grupo a se apresentar. A fala a seguir relata como foi este encontro:

Então, eu Graciete Baltazar Calistro acadêmica indígena da povo Baré, contei a minha história de origem no primeiro encontro para as mulheres indígenas e não indígenas por fazer parte do grupo da história de origem, onde me sentir de ter o direito de falar um pouco da minha cultura, costume e das crenças. Os elementos que levei nesse encontro para compartilhar com a roda, foram farinha, bejú seco, farinha de tapioca, vinho de bacaba, pimenta juquitaya, arubé e um livro minuto de sabedoria, falei um pouco sobre o livro, aonde eu falava que a minha mãe apesar de ser analfabeta, mas ela nos ensinou os valores da vida como se ela tivesse um conhecimento de uma pessoa instruída numa escola, ela é minha psicóloga. O encontro com mulheres indígenas foi muito importante para mim, onde pode expressar meus sentimentos e compartilhar um pouco das coisas que sei da minha cultura e saber um pouco da cultura das outras indígenas acadêmicas, o mais importante mesmo foi interagir com elas nesse momento. A minha função social e pedagógica dentro da universidade é adquirir conhecimento que se dedica ao estudo em questão da sociedade e da formação para o desenvolvimento humano (Povo Baré, acadêmica do curso de Geografia da ENS. Conversa realizada em 2019).

As palavras de Graciete vêm ao encontro da essência do projeto Histórias de Origem, que comunga de um espaço íntimo em que cada mulher presente se sinta à vontade para compartilhar seus conhecimentos e saberes ancestrais. Nesse dia, o centro do círculo estava preenchido de alimentos e bebidas que estavam intrinsecamente ligados à história de Graciete.

Segundo encontro: histórias de origem sateré mawé e tikuna

A força das histórias trazidas a cada encontro cultivou entre as mulheres segurança em contar suas intimidades, seus percursos de saída de suas terras de origem até a chegada na cidade de

Manaus e, conseqüentemente, na Universidade. Para a acadêmica G.S., Sateré Mawé, do curso de Pedagogia, o percurso da cidade de Maués até Manaus foi uma travessia, e essa travessia foi contada com muita emoção no encontro, como escreve Estés (1992, p. 16) “As histórias são bálsamos medicinais. Elas têm uma força! Não exigem que seja nada, se se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção”.

Falar das minhas origens foi desafiador. Lembrar dos meus antepassados e crenças, trazem turbilhões de sentimentos que, em muitas das vezes, não eram expressados, até o momento que foi feita a proposta de contar essa história, onde eu me via cercada de mulheres indígenas e não indígenas, com histórias lindas e carregadas de superação. Ao ouvi-las contar os seus mais profundos íntimos, percebi que de certa forma temos algo em comum, independente de raça, cor ou povo. Chegou a minha vez de falar e ser ouvida. Eu trouxe à Roda um desenho feito por mim e alguns grafismos. No desenho era retratado uma mulher indígena grávida. Eu escolhi isso por ter muito haver com a minha história, uma vez que eu vim de uma família, cuja a função principal era de ser parteira. Conhecimento esse passado a mim através da minha avó. Eu cresci vendo-a trazer cada criança ao mundo através de seus partos caseiros, e ela é muito respeitada em sua função, pois nunca perdeu uma criança por mais difícil que o parto aparentava ser. Eu sempre a acompanhava, pois segundo ela, eu também tinha esse dom. O grafismo fez parte da minha infância também, uma vez que íamos de casa em casa, aldeia em aldeia. Admirava cada pintura no corpo ou objetos do lugar que frequentávamos, principalmente os que a minha avó fazia, era uma espécie de armadura que ela colocava para poder iniciar o processo do parto só que como grafismo. De tanto ver, acabei aprendendo a fazer e admirar cada linha tracejada que no corpo passavam de linhas e se tornam como frases ou palavras, pois cada desenho tem seu significado” (Povo Sateré Mawé, acadêmica do curso de Pedagogia. Conversa realizada em 2020).

Terceiro encontro: histórias de origem dessana, apurinã e whitoto

Assim como as raízes de uma árvore a sustenta, as histórias de cada mulher as nutre na caminhada, elas são o alimento que a faz vicejar. No terceiro encontro de Histórias de Origem, os povos Dessana, Apurinã e Whitoto foram as raízes que nutriram a noite.

Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra a árvore venerável abriga “uma árvore oculta” feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto. O mesmo acontece com a vida de uma mulher. Como a árvore, não importa em que condições ela esteja acima da terra, exuberante ou sujeita a enorme esforço... por baixo da terra existe "uma mulher oculta" que cuida do estopim dourado, aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta. "A mulher oculta" está sempre procurando empurrar esse espírito essencial em busca da vida... para cima, para que atravesse o

solo cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo ao seu alcance (ESTÉS, p. 29-30, 2007).

Na noite do terceiro encontro, também tivemos as raízes do povo Sikuani pela presença da artista e também indígena urbana em situação de retomada ancestral Juma Gitirana Tapuya Marruá, que contou com seu encontro com a liderança indígena Margarita Rodriguez Weweli-Lukana da aldeia El Merey-La Veradicta, da terra Indígena da povo sikuani, situada na Colômbia. Desse encontro, nasceu o vídeo **Nakua pewerewerekae jawabelia / Hasta el fin del mundo / Até o fim do mundo**³ que foi filmado por uma câmera de celular fundindo linguagens artísticas e culturas indígenas com o intuito de curar dores marcadas pela colonização.

Canal Oré⁴

A invisibilidade sempre esteve presente dentro do cotidiano dos povos indígenas. Não seria diferente dentro da universidade, onde, por algumas décadas, os indígenas estudantes foram silenciados e inviabilizados de muitas formas. Estar na universidade hoje é um ato político de resistência.

Ao entrar na universidade, deparamo-nos com enormes desafios que vão das barreiras linguísticas a questões financeiras. O ser indígena ainda é cercado de muitos mitos, ora por parte propagada pela mídia, que em pleno século XXI ainda os vê como seres selvagens, figura que por muito tempo foi propagada pelo colonizador e que ainda nos remete a uma imagem de 520 anos atrás, que em nada nos representa e nunca nos representou.

O canal Oré foi pensado como um meio pelo qual os indígenas estudantes participantes do projeto “Tecendo Diálogos Interculturais” pudessem contar suas histórias e produzir conteúdos voltados para desmitificar a trajetória indígena na Universidade e, com isso, construir um espaço de diálogo entre os indígenas estudantes e a comunidade.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=nbGr4ivOqGw>

⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCyhmRLrmOcJ5Eklwm-LuHaQ>

Imagem 4 - Lançamento do Canal Oré

**LANÇAMENTO DO CANAL
ORÉ
DIÁLOGOS
INTERCULTURAIS**

Oré Diálogos Interculturais
@ore_dialogos

**04
DEZ.
às 17h**
.....
**Hall da
Escola
Normal
Superior**

PROGRAMAÇÃO
17H - RODA DE CONVERSA
18H - MARAKANANDÊ
18:30H - LANÇAMENTO DO CANAL
PINTURAS CORPORAIS
VENDA DE ARTESANATOS

Realização:  
Apoio:   

Fonte - Acervo do Projeto Tecendo Diálogos Interculturais (2019).

É muito importante que os indígenas ocupem esses espaços na mídia, para que nossa voz seja ouvida, tenhamos visibilidade onde estivermos. Essa produção de conteúdo dentro das plataformas de comunicação vai de encontro a todas as limitações que, por séculos, foi imposta aos povos indígenas. Desta forma, contrariando todas as estatísticas e crença de que os espaços das redes sociais não são para os povos originários, estamos presentes nesse cenário.

Para a acadêmica M.B., Sateré Mawé, do curso de Pedagogia, *muitos ainda não entenderam que não é um celular/câmera que vai nos definir como Indígena, pois o processo de pertencimento vai muito além disso. Para nós, participantes do projeto, produzir vídeos e conteúdos feitos por indígenas é também um ato de resistência.*

No dia do lançamento do canal Oré (04/12/2019), realizamos um evento na praça da Escola Normal Superior com a presença de lideranças indígenas, acadêmicos, professores, representantes da PROEX e os participantes do projeto. Os marcadores deste evento foram as falas dos indígenas, as músicas em língua indígena e a dança que envolveu a todos numa grande roda. Neste espaço, mesmo que circunscrito a uma unidade, se produziu um entrelugar, onde as diferenças se mobilizam para um enriquecimento coletivo.

Dentre as produções do Canal, estão as lives feitas pelo Instagram, que discutem os mais diversos temas, tendo sempre como participantes indígenas (acadêmicos ou não) e como mediadores alguém vinculado ao projeto (acadêmico ou professor). O canal já acumula um número expressivo de seguidores e se reinventa como meio de expressão da voz e protagonismo indígenas.

Atualmente, aproveitando o material construído durante esses primeiros anos de atividades, como textos, fotos e vídeos, o projeto realizará uma instalação performática visando participações em eventos científicos, eventos indígenas, encontros pedagógicos e eventos artísticos com os temas trabalhados até o momento com os alunos e as alunas. Essa instalação terá como objetivo compartilhar os depoimentos dos(as) alunos(as), sobre a realidade e desafios indígenas no contexto acadêmico, levando em consideração também o período de isolamento devido a Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez o termo mais apropriado para finalizar este artigo seria “considerações em processo” no lugar de “considerações finais”, já que, como dito por Peirano (1995), não há uma forma exata de fazer ciência, e, na verdade, a experiência conduzirá as reflexões e considerações dos envolvidos.

Assim, este projeto de extensão que propõe diálogos interculturais nas fronteiras estabelecidas no mundo acadêmico, visa a um encontro com os afetos na realidade cosmológica, social e política dos indígenas em contexto universitário, diagnosticando o real desejo da anuência deles em uma experiência de todos e todas estarem “kôkãmou” – juntos(as) em cena. “Um modo de estar no mundo ancorado, enraizado na totalidade complexa do corpo – e isso é estar em cena!” (FABRINI, 2015, p. 184).

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. KOPENAWA, Davi. **A Queda do Céu** – Palavras de um Xamã Yanomami. Ed. Companhia das Letras. 2015.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Ed. Rocco, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcelos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. – Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

CANDAU, Vera. Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos, 2012. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

CANDAU, Vera. Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas, 2011. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

FABRINI, Verônica. Corpo e Artes da Cena. In: HADERCHPEK, Robson Carlos, VIEIRA, Marcilio de Souza (Org). Corpo e processos de criação nas artes da cênicas. Natal: EDUFRN, 2016.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

VÍDEO E CANAL DO YOUTUBE CONSULTADOS

Nakua pewerewerekae jawabelia / Hasta el fin del mundo / Até o fim do mundo / Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nbGr4ivOqGw> Acesso em: 10 de set de 2020.

Oré Diálogos Interculturais. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCyhmRLrmOcJ5Eklwm-LuHaQ>.